



AS APARÊNCIAS ENGANAM? O FAZER-SE TRAVESTI EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Rafael França Gonçalves dos Santos¹

Resumo: Uma das questões que ainda merece destaque na sociedade atual é a utilização da sexualidade como um importante dispositivo discursivo capaz de criar, controlar e organizar a vida dos sujeitos. Constatada esta realidade, a pergunta título deste artigo é uma provocação que pretende jogar com a noção de que o sexo biológico e a sexualidade sejam capazes de oferecer respostas conclusivas sobre os sujeitos, e que a performance de gênero seria a expressão cultural do sexo e da sexualidade. Tomando como campo empírico algumas ruas de prostituição de travestis na região central de Campos dos Goytacazes/RJ, pesquisadas entre 2010 e 2011, pretende-se problematizar a relação estabelecida entre essas travestis e os homens que as procuram.

Palavras-chave: travestilidades, aparência, clientes.

O lugar da reflexão

No início das reflexões sobre a temática fui constantemente indagado por outrem e por mim mesmo: afinal, o que é uma travesti²? De início apareceram as respostas mais óbvias, recorrentes no senso comum: um ser ambíguo; um homem vestido de mulher; uma mulher incompleta; um homossexual masculino que assume integralmente sua homossexualidade. Essas eram as respostas mais comuns e que tentavam, em vão, dar conta da *verdade do ser* das travestis. É claro, que eram insuficientes, tanto mais por reforçaram o olhar estigmatizador lançado sobre elas. Por outro lado, se quisesse recorrer ao saber científico, particularmente o saber médico, poderia encontrar sem muita dificuldade a definição, estabelecida na Classificação Internacional de Doenças – 10ª versão (CID-10):

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro e integrante do Atelier de Estudos de Gênero (ATEGEN-UENF). Contato: rafael.fgs@hotmail.com

² Embora o dicionário da língua portuguesa indique este substantivo como masculino, justifico seu uso no feminino como forma de ser coerente com a identidade de gênero das travestis e, mesmo porque, o coletivo organizado deste grupo reivindica que assim o seja.

F64 Transtornos da identidade sexual

F64.0 Transexualismo

Trata-se de um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado.

F64.1 Travestismo bivalente

Este termo designa o fato de usar vestimentas do sexo oposto durante uma parte de sua existência, de modo a satisfazer a experiência temporária de pertencer ao sexo oposto, mas sem desejo de alteração sexual mais permanente ou de uma transformação cirúrgica; a mudança de vestimenta não se acompanha de excitação sexual.

Transtorno de identidade sexual no adulto ou adolescente, tipo não-transexual

F65 Transtornos da preferência sexual

F65.1 Travestismo fetichista

Vestir roupas do sexo oposto, principalmente com o objetivo de obter excitação sexual e de criar a aparência de pessoa do sexo oposto. O travestismo fetichista se distingue do travestismo transexual pela sua associação clara com uma excitação sexual e pela necessidade de se remover as roupas uma vez que o orgasmo ocorra e haja declínio da excitação sexual. Pode ocorrer como fase preliminar no desenvolvimento do transexualismo.

Fetichismo com travestismo.³

Este repertório também me pareceu insuficiente para elaborar uma resposta coerente e que fosse capaz de abarcar a complexidade que envolve essa experiência da travestilidade. De tal modo que o primeiro passo que me propus foi uma reflexão crítica sobre a classificação apresentada pelo CID-10, e optei por não enveredar por este viés. Mesmo que as travestis tenham nascido XY⁴ e construído um feminino sobre esta base biológica que a sociedade classifica como masculina, pareceu-me simplista por demais considerá-las como homens vestidos de mulher. O debate poderia ficar mais enriquecedor se buscasse perceber os processos de transformação empreendidos pelas travestis; processos esses que podem ter aspecto de eternidade ou findarem em uma manhã de domingo. Mesmo que não alimentasse a visão idílica de pensar que as travestis eram seres extremamente revolucionários, pois transgrediriam a heteronorma, era inegável a constatação de que a travestilidade instaurava um desequilíbrio no sistema tradicional de sexo e gênero.

Assim, passei a refletir sobre o caráter sociocultural e histórico que orientou a construção das noções de gênero: masculino e feminino, e seguindo essa trilha, até mesmo a concepção de que o sexo é um atributo biológico, portanto natural, tornou-se

³ Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm> - Acessado em 28 de março de 2011.

⁴ Base cromossômica que indica o sexo biológico

passível de questionamento⁵. Pode ser muito mais interessante perceber o sexo enquanto uma construção cultural. Nesta perspectiva, considerando algumas propostas feitas por Michel Foucault⁶, observa-se que particularmente no século XIX, o sexo foi tomado como instância capaz de falar a verdade dos sujeitos. Na experiência da travestilidade essa concepção ficaria esfumada.

Desde o início percebi que não seria viável apresentar uma classificação hermética sobre a travestilidade, tendo em vista que esta seria uma tentativa de enquadramento de algo que deve ser percebido no plural. Se por um lado é importante advertir que ser travesti não é sinônimo de ser prostituta, por outro, parece inegável, ainda, a relevância da prostituição na compreensão de parte considerável do (s) universo (s) das travestis; já que muitas iniciam suas transformações corporais a partir da inserção na prostituição e, como demonstrado por Larissa Pelúcio, a *pista* é um dos lugares privilegiados na construção das travestis.⁷

Gênero, sexo e sexualidade são instâncias diferenciadas, mas que se misturam no social de forma intrigante. A sociedade ocidental, principalmente a partir do século XIX, definiu uma associação entre esses três elementos, da qual podemos extrair a seguinte definição: Masculino – homem – heterossexual, em oposição à sequência: Feminino – mulher – heterossexual. O embaralhamento dessa organização e a possibilidade de inserir a categoria homossexual em uma das duas, foi considerada como uma patologia, um desvio ou até mesmo um crime. Neste aspecto o saber médico foi invocado para identificar possíveis desvios nos indivíduos que não apresentassem essa relação equilibrada. E, como pudemos constatar, esse saber agiu sem muitos pudores para que a ordem heterossexista fosse estabelecida com êxito. Neste sentido, valho-me das ponderações de Foucault⁸, considerando que os saberes produzidos garantem o exercício de poderes, e estes formam e transformam a organização social.

⁵ Cf. BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁶ FOUCAULT, Michel. **O ocidente e a verdade do sexo**. In: Espaço Michel Foucault – www.filoesco.unb.br/foucault

⁷ PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**. julho/dezembro de 2005.

⁸ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

Há homens na pista

No espaço da prostituição de travestis na região central de Campos dos Goytacazes, a presença masculina é constante. Os homens aparecem de carro, a pé, de bicicleta; estão sozinhos, acompanhados por um ou vários amigos; são brancos, negros, pardos; novos, adultos, idosos. Muitas vezes já dominando o repertório de códigos dos *sujeitos da noite*⁹, esses homens buscam prazer, aventuras, companhia, sexo.

Um grupo de sujeitos sempre presente na rua é o de adolescentes. Esses jovens rapazes quase nunca estão sozinhos e buscam não pagar pela realização do programa. A interação entre eles e as travestis da pista pode ser amistosa, conflituosa e interessante para ambos, haja visto que em alguns casos os programas são efetivados. Não foram raras as vezes em que grupos de adolescentes com 4 a 7 sujeitos, chegaram de bicicleta à pista, e circularam incessantemente. Eventualmente eles paravam para conversar com alguma travesti que lhes parecia mais interessante. Nesses diálogos, às vezes com tom de voz bem elevado, eles se gabavam de terem a *mala boa*¹⁰, e por vezes permitiam que a travesti comprovasse a afirmativa, tocando-lhes. Esse momento era experimentado com grande euforia por estes rapazes que estavam acompanhados por seus amigos. Em momento algum suas masculinidades eram questionadas pelo fato de ele se envolverem com uma travesti, tendo em vista que, tacitamente, já se compreendia que ele, como ativo da relação, não seria *veado*. O estigma recairia sobre o sujeito que assumira o papel de passivo, a travesti¹¹. Além disso, constatei que, quando estão acompanhados dos amigos, eles não admitem que a travesti fique com apenas um deles, ou seja, todos devem participar da aventura, de maneira que tenham no segredo do grupo a garantia de que *ninguém ficará sabendo* do ocorrido.

A relação das travestis com seus clientes é sempre descrita por elas como sendo envolta por momentos de tensão. Muitas vezes ela é apresentada como se ambos fossem cúmplices de um ato ilícito. Esse segredo é parte de um contrato celebrado entre eles; ao mesmo tempo em que pode ser usado pela travesti que, durante o programa, tiver algum

⁹ Considero como sujeitos da noite esse grupo de sujeitos que cria uma dinâmica própria no ambiente noturno, estabelecendo códigos de conduta e contato. No espaço da prostituição observa-se a presença das travestis, dos clientes (os pagantes e os vícios – com quem se faz sexo gratuitamente), homens homossexuais *caçando* e transeuntes a caminho de casa ou do trabalho.

¹⁰ Termo êmico utilizado para se referir ao pênis; uma *boa mala* deve ser preferencialmente grande e grossa.

¹¹ Annick Prieur indica o caso dos *mayates*, na Cidade do México. São homens masculinos que transam com outros homens, mas que não assumem-se como homossexuais e tampouco se permitem alguma atitude considerada feminina. Cf. PRIEUR, Annick. **Mesma's House, Mexico City: on travestites, queens and machos**. University of Chicago, 1998. p. 179

conflito com o cliente: neste momento o cliente pode se recusar a pagar pelo programa e agredi-la ou ela pode ameaçá-lo com um escândalo. Como observa Tatiana:

Às vezes você se sente um objeto. Não ao ponto que o cliente grite comigo: “Estou pagando”, porque se ele gritar, eu saio do quarto. Ele está me pagando, mas eu que estou vendendo. Eu que sou a vendedora, a comerciante sou eu, eu comercializo meu corpo; então eu falo o que eu faço, e o que eu não faço. Homem não diz a mim o que eu tenho que fazer. [...]. Lógico, eles têm que aceitar. *São 1,83 de altura; e eu não levo desaforo pra casa, tudo que me dão, eu devolvo.* (grifo meu)¹²

Outro importante aspecto que compõe essa relação pode ser lido sob a ótica das relações de gênero. O depoimento das entrevistadas¹³ confirmou a hipótese de que a tradicional noção de masculino e feminino é acionada tanto pelas travestis quanto pelos clientes; e a sexualidade também é compreendida a partir da matriz heteronormativa, ainda que as vivências, experimentações e possibilidades superem o padrão heterossexual. O gênero, percebido na performance do sujeito, é concebido como o definidor primordial da sexualidade a ser desempenhada. Nessa lógica, o feminino da travesti deve, portanto, oferecer o sexo (ser passiva), enquanto que o masculino do cliente é o próprio sexo (ativo). Nesse jogo está expressa a compreensão de que: “A libido-como-masculino é a fonte de que brota, presumivelmente, toda sexualidade possível.”¹⁴; fazendo com que se reflita sobre a importância conferida à materialização do prazer, do gozo; o gozo masculino, associado à substância obtida no momento da ejaculação é compreendido como superior ao feminino, já que o orgasmo não passaria de um conjunto de sensações, cuja materialidade pode não ser tão óbvia. Será que a existência do *sêmem feminino* minimizaria essa desigualdade, ou bastaria que se compreendesse a importância dos fluídos corporais na construção das hierarquias estabelecidas no trinômio sexo-gênero-sexualidade?

Em fina sintonia com o discurso da norma heterossexual, compreendida como reguladora da vida dos sujeitos, as travestis compreendem como normal a ideia de que elas devem ser passivas e seus clientes ativos. Isso não significa que, na prática, essa ideia se efetive. E é justamente neste jogo que os clientes são classificados pelas travestis, basicamente em três grupos: os *bofes*, os *mariconas* e os *vícios*¹⁵.

¹² Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

¹³ Todos os depoimentos citados foram extraídos das entrevistas realizadas com algumas travestis de Campos dos Goytacazes durante o ano de 2011. Todos os nomes são fictícios, a fim de preservar a identidade das entrevistadas.

¹⁴ BUTLER, Judith P. *Op. cit.*, p. 86

¹⁵ Ainda que a categoria vício possa ser vista como um não-cliente, optei por considerá-lo no grupo dos clientes, já que em determinadas circunstâncias os bofes podem se tornar um vício.

Os homens vistos como *bofes* são aqueles que, além de representarem as características tipicamente reconhecidas como masculinas¹⁶, assumem o papel de *ativos* (penetradores) na relação sexual e usam o corpo das travestis a partir de seus atributos femininos: seios, cabelos longos, nádegas; o que implica o não-toque ou estímulo do pênis delas. Destaca-se, ainda, que o fato de possuir um pênis não masculiniza a travesti, mesmo quando elas assumem um papel sexual associado à masculinidade verdadeira, ou seja, ser ativa na relação sexual. Em seus estudos sobre as travestis argentinas, Josefina Fernández observou que: “Las travestis tienen cuerpo de varón y de mujer y su sexo y su género no son algo que pueda ser definido según categorías pre-establecidas.”¹⁷ Por isso, a relação entre travestis e clientes supera a dimensão econômica, bem como a dicotomização entre ativos e passivos. Como também destacado por Fernández: “Travestis y clientes se encuentran en un territorio erótico común del que están excluidas las mujeres en prostitución, un *habitus* generizado reúne a ambos en el mercado de los cuerpos y de los deseos.”¹⁸

Nesse mercado de corpos e desejos, as travestis classificam como *mariconas*, aqueles clientes que buscam no corpo delas o órgão masculino e assumem na relação sexual o papel de passivos. Essa diferenciação entre *bofes* e *mariconas* sustenta um repertório de escolhas efetuado pelas travestis, bem como a definição apresentada sobre os melhores e os piores clientes para cada tipo de programa. A percepção que se tem acerca do que é o corpo e o uso legítimo que pode ser feito dele, é o que respalda as classificações produzidas pelas travestis sobre seus clientes; e é a partir desse sistema classificatório, não estático, que elas escolhem os homens com quem podem fazer sexo gratuitamente, o *vício*. De acordo com os depoimentos e as observações no campo, para que um homem seja escolhido pela travesti, sua performance de gênero deve se aproximar ao máximo da noção do *homem de verdade*¹⁹. Nesses casos em que a travesti se permite realizar o programa e não cobrar pelo mesmo, diz-se que ela fez *vício*. Esse termo, *vício*, passa a ser usado para designar os sujeitos com os quais as travestis saem para transar no momento em que estão *batalhando na pista*.

¹⁶ Ser viril, provedor, macho. Cf. WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001.

¹⁷ FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos desobedientes**: travestismo e identidad de género. Buenos Aires: Edhasa, 2004. p. 114

¹⁸ Idem. p. 112

¹⁹ Cf. BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Nesse repertório, em que os homens são classificados de acordo com a sexualidade que eles se permitem experimentar; aqueles que não correspondem à norma (masculino = ativo) são menosprezados pelas travestis. Elas reconhecem como demérito o fato de um *homem de verdade* se permitir ser penetrado por outro homem, ainda que este outro seja uma travesti, vista como uma mulher de pênis e não um homem de peito.

Para as entrevistadas, o *bofe* é diferente da *maricona* porque:

Ah, os bofes são aqueles caras que curte, né?! , travesti, essas coisas toda; que fazem o papel do ativo. Já as mariconas, são aqueles caras que curtem também os travestis, sendo que eles fazem os dois lados: ativo e passivo. Aí, por isso são chamada as mariconas! (risos)²⁰

Porque o cliente bofe ele, ele só é ativo.[...]. É só ativo. Entendeu?! Ele tá ali porque ele quer matar um desejo dele. Bofe é assim. Agora tem as maricona, que a gente fala que é os dois, mais passivo.²¹

quando é cliente que é maricona, trata a gente com mais respeito e carinho; quando são os bofes, que faz ativo, é mais aquilo: eu quero fazer isso, quero gozar umas três vezes, que eu tô pagando... é mais aquela coisa... dura!²²

Em alguns conflitos entre travestis e clientes, durante a pesquisa de campo, observei que elas, quando queriam ofender um cliente, diziam que ele era: “uma maricona.”²³

Diferentemente dos *vícios*, os *mariconas*, em geral, devem pagar mais caro pelo programa, já que serão *passivas* na relação sexual. Esta compreensão explicita a ideia de que o papel de passivo é um processo de rebaixamento da masculinidade deste homem, e por isso ele deve pagar mais caro pelo programa.

Oral é 25 pra cima, no meu caso, né?! , Querida! 25 pra cima... oral e anal 50 pra cima também; e pra ser ativa eu cobro mais caro, 70 mais ou menos, porque a maricona tem dinheiro, né?! Ela paga.²⁴

Se no aspecto financeiro os *mariconas* são apontados como os melhores clientes, pois pagam mais; não o são como possibilidade de prazer. Neste campo os *homens verdadeiros* são mais valorizados. Os *mariconas*, em geral, não dispõem de capital corporal, tampouco de masculinidade, para negociar um desconto ou mesmo a gratuidade do programa. Enquanto que os *bofes* têm como capital seu corpo e seu masculino, o único capital disponível para os *mariconas* é o financeiro. Tanto as travestis quanto os clientes partilham de valores semelhantes, quando se trata da

²⁰ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

²¹ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011.

²² Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

²³ Diário de campo – 06 de agosto de 2010.

²⁴ Idem.

percepção acerca do corpo e da idade. Segundo a avaliação de Brenda, os clientes mais novos nunca querem pagar pelo programa:

Os novos, eles quer mesmo só se divertir e não pagar; são aqueles rapazes bonitos, gostosos, às vezes a gente acaba, por tentação, fazendo eles de graça, entendeu?! Eu já fiz muito de graça ali na 21 mesmo! Porque eu gosto mesmo... aqueles rapazes bonitos, quando vem pro meu lado, querendo... eu não consigo dizer não. Porque eu gosto... eu faço mesmo. Entendeu?! Às vezes, até a maioria fica de implicância comigo por isso, entendeu?! Às vezes, tem dia, os rapazes que queria, entendeu?!, de graça, eu fazia mesmo.²⁵

O corpo é um capital do qual dispõem tanto as travestis, que oferecem os serviços sexuais, quanto os clientes que buscam tais serviços. Uma travesti com muitos atributos considerados femininos (seios, cabelo, vestimentas) possui muito capital para negociar o valor de seu programa. Assim, um cliente bofe, com aparência e atitude representativa do padrão de masculinidade verdadeira, pode negociar abatimentos e até mesmo a gratuidade do serviço requerido. Isso fica patente no caso de rapazes jovens, cujos corpos esculpidos em academias de musculação, correspondem ao ideal masculino veiculado pelas mídias, e desejado pelas travestis. Em várias situações esse tipo de homem foi visto circulando pela pista.

Até o momento, busquei demonstrar o quão diverso é o universo da clientela das travestis. Vale notar que estes clientes não demandam apenas serviços sexuais, muitas vezes querem uma companhia, uma aventura. As travestis entrevistadas avaliaram o que possivelmente faria com que os homens as procurassem:

Por exemplo, na Europa eu era travesti, então o homem já saía comigo sabendo que eu era travesti; então quando você sai com um travesti, você sabe que ali vai ter um órgão genital masculino; então alguma coisa ele quer diferente naquela relação; não significa que ele vai ser passivo, entendeu?! Mas ele quer ver uma coisa diferente; ele sabe que tem alguma coisa diferente. É o fascínio da cabeça do homem em ver assim: gente, é uma mulher com órgão genital masculino, e isso vem na mente dele. No Rio de Janeiro, é a mesma coisa; lá é diferente, onde ficam as mulheres, ficam as mulheres; aonde ficam os homens; [onde] ficam os travestis, ficam os travestis.²⁶

Segundo essa compreensão, elas são vistas pelos homens como seres exóticos. O pênis lhes confere um status diferenciado, mesmo que não seja utilizado para a penetração do cliente. Ainda que não fique totalmente ereto ou seja manuseado pelo cliente, a presença do pênis em uma performance de gênero feminina, define uma dinâmica própria da relação entre clientes e travestis. Na medida em que a travesti é compreendida como uma mulher de pênis, e não um homem de peito, os homens que se relacionam com elas não são necessariamente *veados*; é possível que o pênis se torne

²⁵ Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

²⁶ Depoimento de Soraya – 15 de março de 2011.

um acessório que perde seu potencial representativo frente à construção de uma feminilidade. Isso não significa desconsiderar sua representatividade simbólica, mesmo porque, quando requerido pelo cliente, ele pode funcionar e contribuir para o enquadramento do cliente como *maricona*. Todavia, quando não acionado pelo cliente, o pênis da travesti deixa de representar a virilidade masculina e passa a ser um *plus* do feminino por ela elaborado.

Seria possível explicar por que os clientes procuram a travesti na prostituição? Como não foi possível ouvir deles mesmos, investi na percepção que as travestis têm dessa situação, bem como as justificativas que eles apresentam a elas. Elas dizem que o exotismo é o que atrai o cliente; misturar signos do feminino em uma anatomia dita masculina é algo que desperta a curiosidade deles. Para Kyara e Roberta:

É... um brinquedinho diferente, né?! Então eles querem o que? É isso. Porque se eles quisessem... Eu acho que um homem que paga um travesti, ele não quer o travesti como se fosse a mulé, ele quer o travesti, mas com a coisinha aqui na frente; se não ele pegava uma mulé!²⁷

De vez em quando pergunta... será que é operada?!, muitos não querem. Engraçado, eles querem uma figura feminina de pênis; vai entender a cabeça do homem, né?! É, engraçado. Fala assim: “Ah, eu gosto de você, tem um jeito feminino, você tem corpo, um jeito de mulher, aquela coisa toda... fica pelada pra mim, fica, fica peladinha... Fica de costas não, de frente”; E aí?! Eles querem... uma figura feminina, mas sem ser operada.²⁸

Segundo as travestis, os clientes usam diversas justificativas para dizer porque estão buscando uma travesti e não uma mulher. Muitos argumentam que elas oferecem um sexo mais liberal do que aquele que é conseguido com a esposa, noiva ou namorada, em casa. Há ainda os que dizem ser movidos por uma curiosidade pelo *diferente*, além de considerarem que elas são mais habilidosas para satisfazê-los, com o sexo oral e anal, do que *suas* mulheres.

É... muitos falam... na maioria das vezes dizem, é assim: que as mulher deles não gostam de sexo oral, sexo anal; muitos dizem que mesmo a mulher fazendo, não fazem do jeito que eles gostam, que faz uma coisa meio, tipo com nojo... que faz pra agradar a ele, porque na verdade ela não gosta de fazer; ou muitos dizem que elas não fazem mesmo; ou, muitos dizem que elas fazem tudo isso, mas mesmo assim, eles procuram. Mas assim... tem clientes mais novo, que assim... mais na fase da adolescência... entre 18, assim... 18, 20, 21 anos... é meninos... tem a namorada, mas às vezes a namorada ainda não faz sexo com eles, e que eles querem fazer... ou por curiosidade mesmo, muitos por curiosidade, porque nunca tinha feito isso, e queria ver como que era. Mas muitos dizem também que nunca tinha feito, mas já fizeram 50 vezes. “Ah, é minha primeira vez, não liga não... É minha primeira vez... nunca fiz isso,” aquela coisa toda... mas, na verdade já fez.²⁹

Os clientes querem, desejam, buscam essa figura feminina que tenha um pênis. Com o dinheiro, eles compram muito mais do que um simples sexo ou um gozo

²⁷ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

²⁸ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

²⁹ Idem.

aventureiro e diferente. Instaure-se, como em qualquer relação sexual, um jogo de poder, dominação e muita adrenalina. Não é em qualquer lugar que se pode encontrar um feminino com pênis e dispor dele ora como homem, ora como mulher. Muitas vezes, o dinheiro é que conduz a possibilidade de efetivação dos desejos dos clientes. Quanto mais dinheiro tem o cliente, maiores são as exigências que ele pode fazer:

Quando me paga bem. Independente, pode ser lindo, belíssimo, um Deus grego, não vai me pagar?, ou pagar mixaria... pra mim, o cliente é aquele que paga bem... pode exigir muito de mim, mas porém que ele pague... o que ele exigir de mim, entendeu?!, pague bem pra isso. Porque às vezes você decepciona muito, às vezes pára um cliente com um carrão, imenso, carro do ano, zerado, sem placa... e vem com mixaria; e quando não fala assim: “Entra aí, vamos dar uma volta. Você acha, eu, bonito desse jeito, novo, gostoso... tem coragem de me cobrar?”, eu tô trabalhando, ele fala “Eu sei, e o lazer?!”; lazer eu faço, dia de domingo na minha casa, vou passear, como pizza, vou ao cinema, meu lazer é esse... aqui é trabalho; eu falo: “É trabalho”.³⁰

Duas falas recorrentes no senso comum: de que a maior parte dos clientes das travestis são homens casados e que quase todos os clientes são passivos, são serenamente analisadas por Roberta. Segundo ela:

Não!... não é. E uma coisa, às vezes... eu tenho 70%, às vezes assim, clientes... tem uma média de 90 a 70%... muitos é aquela curiosidade de saber, muitos é assim, olha... pergunta... tá fazendo sexo... eu sou muito tímida, eu sento, eu deito, eu boto uma almofada na minha frente, boto alguma coisa... muito falam: “Não, fica a vontade... pode tirar... eu sei que você não é mulher”, e num sei o que; muitos já chegam e mete a mão; muitos perguntam o que é... muitos já chegam descarado e perguntam: “Você é ativa??? Eu quero ser sua mulher hoje...”, então, é aquela coisa que, assim, que você se surpreende; não tem uma assim... uma média... dizer que todo mundo faz isso... Não. Eu tenho clientes que são heteros mesmo. Por mais que dizem que é, porque transou com o mesmo sexo e não seja mais hetero, mas uns clientes, assim, que sejam ativos mesmo, em nenhum momento, se tentar encostar a mão numa parte do corpo dele que seje... eles dão tapa, dão uma porrada, bota pra trás e aí...

Cara... eles diz, uns diz que olha na rua... “Pow... você tem um corpão... tem um bundão... e a maioria das mulher não tem isso... eu gosto de bundão”, aquela coisa toda. Às vezes eu passo pelo tamanho da bunda... “Ah, porque sua bunda é muito grande...”, que num sei o que, aquela coisa toda... “e eu quero fazer isso; você tem cara de safada, tem cara de fazer isso, aquilo...”. Que muitos, às vezes são assim... eu já ouvi uns relatos que são assim: que às vezes você não tem o costume de fazer uma coisa com sua namorada, que se namorada no começo você não faz, depois de casado você não faz mais. Casou... depois de casado, você não faz mais. Não tem aquela... Teve um cliente que falou comigo: “Eu tentei amaciar a minha esposa, levando filme pra ela assistir, de troca de casais, levando filmes que tinham mulheres com sexo oral e anal, mas minha esposa fazia cara de nojo...”, entendeu?!, e não fazia. Então, é muito relativo. Muitos são muitas coisas, se eu falar pra você... uns falam que gosta mesmo, que tem preferência por travesti, outros já acham que pra curiosidade de saber como que é transar com um travesti; outros já diz que, que sei lá, porque não tinha nada o que fazer, e quis sair... são muitos relatos... diferentes, entendeu?!³¹

Isso não significa que muitos dos clientes não sejam casados. Porém, tomar essa afirmativa como verdadeira sem a possibilidade de confirmação, é corroborar um discurso, proferido pelas travestis, advindo de um contexto de disputas por poder, status e reconhecimento.

³⁰ Idem.

³¹ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

Nem sempre o cliente quer apenas sexo. Judite citou a possibilidade do consumo de drogas. Essa é uma realidade de algumas travestis; outras, entretanto, afirmam que não usam qualquer tipo de entorpecente, nem mesmo bebidas alcoólicas e cigarros. Alguns clientes recorrem às travestis para comprarem drogas para eles e/ou consumir com ele. Kyara descreve esse tipo de situação, e diz que esses clientes:

Aí, pra falar a verdade, esses que são os melhores, né?! Esses que gastam mais, por que? Tão drogado, não querem ficar sozinho, então, vão pagando mais a gente, porque aí vai acabando o nosso tempo, e eles vão pagando pra ficar mais tempo com eles. Se a gente tiver paciente; mas se a gente for uma paciente, eles deixa a gente aí vai lá e pega outra. Até achar a que eles querem, pra ter paciência... Porque, na verdade, cliente drogado, ele não quer transar, ele quer uma pessoa pra se drogar com ele e pra ouvir ele. Aí, geralmente, eu faço o que?, às vezes eu dou uns tequinhos com eles, e às vezes eu sopro e finjo que cheirei. Se eu não tô afim...³²

Mas, nem só de drogas e sexo são feitos os programas. Muitas vezes, as travestis alegam que seus clientes são carentes e querem conversar com elas, contar seus problemas pessoais. Como elas relatam:

São muitas histórias, aí me contam histórias boas dos filhos; aí eu fico ouvindo; assim, eu acho que é por isso que eles vêm e voltam sempre comigo. Não é nem pela beleza, por nada não, é pela paciência que eu dou a eles. Porque a maioria que, ahhh, vambora, goza logo, acabou, acabou!. Eu não, alguns clientes, eu tenho paciência de conversar e ouvir.³³

Conversam... falam. Muitos te pegam como se fosse psicóloga... conta os problemas... é... é muito engraçado. Às vezes tem gente que sai com você, te juro, te paga duas horas de programa, uma hora e meia ele te conta os problemas, os problemas com a família dele, problemas no escritório, problemas no consultório, conta da vida dele; muitos falam abertamente [...]; são casados... que dizem que gostam de uma aventura, uma coisa diferente...³⁴

Esse é mais um elemento que corrobora a ideia de que a prostituição não é composta apenas de trocas econômico-sexuais. Quando dizem quem são os seus melhores clientes, por exemplo, as entrevistadas citam características masculinas que lhe agradam, como forma de obter prazer, ou satisfazer algumas de suas vontades. Na opinião de Soraya, já citada como uma das travestis mais belas, o melhor cliente é:

Eu acho que o homem com mais de 30 anos, né?! Com 32, mais a minha idade, né?! É aquele homem que já fez de tudo, e sabe fazer de tudo. É esse! [...] Não; porque o menino de 18 anos, 19, ele só quer gozar, né?! Ele tá com os hormônios fervendo ali no corpo, então, pra ele; ele se satisfaz até com um... qualquer coisa que aparecer na frente dele. E um homem de 30 anos não, né?! ele sabe o que ele quer, ele sabe fazer direitinho; é diferente! Totalmente diferente!³⁵

Tuany apresenta uma fala de acordo com a exposta por Soraya, e acrescenta:

Porque as pessoas mais velha, ah... eu... hum... se for pra mim fazer a ativa, entendeu?!, com as pessoas mais velhas, vai ser mais difícil pra mim, entendeu?! Porque até então até eu me excitar, aquela coisa toda, vai demorar um pouco, então, eu não gosto muito, de sair com pessoas mais

³² Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

³³ Idem.

³⁴ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

³⁵ Depoimento de Soraya – 15 de março de 2011.

velhas. Pra mim, tem que ser assim, meia idade, aí... os mais novos, entendeu?! Porque os mais velhos, pra mim fica mais difícil, eu não consigo.³⁶

Tanto a fala de Tuany quanto a de Soraya, evidenciam que as relações com os clientes não são estritamente financeiras. Elas demonstram uma predileção por clientes que sejam atraentes, de acordo com o protótipo de masculinidade definido por cada uma das travestis. Assim, mais uma vez, vê-se em cena a possibilidade do prazer, o desejo, a vontade, como fatores que integram o processo de negociação dos programas.

Nesse mercado do sexo, desejo e prazeres, a idade tem muita relevância. Ao constatar que os clientes considerados mais velhos já vão com o dinheiro certo para pagá-la, Tamara indica que eles não dispõem de outra forma de capital para negociar o programa, como ocorre com os mais novos. Essa situação reforça a reflexão, já indicada, de que não é apenas a troca financeira que se faz presente. Ainda que por vias sinuosas, o prazer também integra a experiência da prostituição, e pode indicar, também, a permanência de modelos de dominação e exploração que são redesenhados sob um discurso de autonomia e liberdade.

Pra terminar...

Pensei na pergunta inicial como uma provocação, justamente porque ela tenciona um aspecto fundamental do debate sobre o tema em questão neste trabalho: a existência ou não de um gênero, um sexo e uma sexualidade que sejam verdadeiros, e os usos políticos feitos dessas dimensões, que envolvem a produção de sujeitos.

Se o gênero for pensado como a representação social da ordem sexual existente, pode-se concluir que, no caso das travestis, as aparências enganam. Todavia, a construção de gênero realizada pelas travestis está distante de uma tentativa de enganar, na medida em que o gênero é construído, compreendido e redimensionado como uma possibilidade de trânsito social, experimentação de sexualidades e mesmo como instrumento de trabalho. Nesse sentido, seria equivocado imaginar que as aparências enganam, porque o gênero das travestis não pretende ser a expressão de um *verdadeiro sexo*, mas apenas uma experimentação legítima de si, de seu corpo, suas potencialidades e limites.

³⁶ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

As travestis, querendo ou não, representam uma possibilidade de transgressão, justamente na medida em que denunciam os limites da associação, socialmente definida, de que o gênero seria a expressão do sexo. Ainda que essas mesmas travestis atuem, na maior parte das vezes, na construção de femininos aceitáveis, legítimos na ordem masculina, não se pode negar que elas evidenciam os limites dessa lógica binária.

Não se pretendeu dizer *a verdade* sobre as travestis, enquadrando-as como transgressoras das normas ou simples reprodutoras do sistema binário de gênero e heteronormativo. O que se quis evidenciar é que ao analisar esses sujeitos, tem-se indícios interessantes para a compreensão de um cenário instigante formado por elementos de coerção e resistência. Ao mesmo tempo em que se vislumbra a existência de elementos coercitivos e pretensamente estruturantes, que são as normas de sexo-gênero-sexualidade, identifica-se processos de resistência, oferecidos, paradoxalmente, por sujeitos concebidos como desviantes, marginais e, em última instância, transgressores.

As categorias de homem e mulher, masculino e feminino, biológico e psicológico, são embaralhadas e redefinidas nas experiências da travestilidade. Três, das dezesseis entrevistadas manifestaram interesse em realizar a cirurgia de transgenitalização; todas as demais disseram que jamais realizariam tal procedimento:

Eu, sabe?!, gosto de ser travesti, mas mudar de sexo, eu não tenho, não teria coragem não; não tenho vontade, entendeu?! Eu não tenho vontade de ser mulher. Eu quero sim, me sentir igual mulher, ter corpo de mulher, mas não ser mulher. Eu gosto de ser travesti; por mais que eu não use o meu órgão genital masculino, mas eu não tenho vontade de tirar. Eu num sei, um dia eu posso me arrepender, mudar de vida, entrar para uma igreja; eu não sei o meu futuro, entendeu?! Só Deus sabe!³⁷

Para finalizar, gostaria de apresentar a empolgante fala de Pauline. Não espero, com isso, minimizar as violências, discriminações, sofrimentos e agonias que permeiam as trajetórias desses sujeitos. Todavia, creio ser relevante destacar, como me esforcei ao longo do trabalho, que este cenário não é tão cinza quanto alguns o pintam, tampouco colorido como o arco-íris, reivindicado por muitos outros e outras. Como toda realidade, é repleta de tons, nuances, cheiros, sabores, texturas. Para Pauline, ser travesti é:

Ah, um luxo. Adoro ser travesti, tenho orgulho! Te juro... te juro; e nunca quero passar [como] mulher, quero sempre ser travesti. Passar na rua, todo mundo parar e olhar. Que é o centro das atenções, o travesti. Te juro! Ai, é bem gostoso! Só que tem seus lados ruins também, né?!, que eu te falei; mas é uma delícia! [...]³⁸

³⁷ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

³⁸ Depoimento de Pauline – 03 de julho de 2011.

Referências bibliográficas

BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. **Cadernos Pagu** (31), julho-dezembro de 2008, p. 315-362.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, s.d.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos desobedientes**: travestismo e identidad de género. Buenos Aires: Edhasa, 2004. p. 114

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. **Herculine Barbin**: o diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 16. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. **O ocidente e a verdade do sexo**. In: Espaço Michel Foucault – www.filoesco.unb.br/foucault

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**. julho/dezembro de 2005.

PRIEUR, Annick. **Mesma's House, Mexico City**: on travestites, queens and machos. University of Chicago, 1998. p. 179

SCOTT, Joan W. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu** (3), 1994.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001.

www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm - Acessado em 28 de março de 2011.